



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 19 de setembro de 2021

[\[Multimedia\]](#)

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da liturgia de hoje (*Mc* 9, 30-37) narra que, a caminho de Jerusalém, os discípulos de Jesus estavam a discutir sobre quem «era o maior entre eles» (v. 34). Jesus dirigiu-lhes então uma frase vigorosa, que se aplica também a nós hoje: «Se alguém quiser ser o primeiro, há de ser o último de todos e o servo de todos» (v. 35). Se quiseres ser o primeiro, deves pôr-te no final da fila, ser o último, e servir a todos. Com esta frase lapidária, o Senhor inaugura uma inversão: ele derruba os critérios que marcam o que realmente conta. O valor de uma pessoa já não depende do papel que desempenha, do sucesso que tem, do trabalho que faz, do dinheiro no banco; não, não; não depende disso; a grandeza e o sucesso, aos olhos de Deus, têm uma medida diferente: são calculados pelo *serviço*. Não pelo que *se tem*, mas pelo que *se dá*. Queres ser o primeiro? Serve. Este é o caminho.

Hoje a palavra “serviço” parece um pouco desbotada, desgastada pelo uso. Mas no Evangelho tem um significado exato e concreto. Servir não é uma expressão de cortesia: *é fazer como Jesus fez*, o qual, resumindo a sua vida em poucas palavras, disse que veio «não para ser servido, mas para servir» (*Mc* 10, 45). Assim disse o Senhor. Portanto, se quisermos seguir Jesus, devemos percorrer o caminho que ele mesmo traçou, a via do serviço. A nossa fidelidade ao Senhor depende da nossa disponibilidade para servir. E isto, sabemos, custa, pois “sabe a cruz”. Mas à

medida que os nossos cuidados e disponibilidade para com os outros crescem, tornamo-nos mais livres por dentro, mais semelhantes a Jesus. Quanto mais servimos, mais sentimos a presença de Deus. Sobretudo quando servimos aqueles que nada têm para nos devolver, os pobres, abraçando as suas dificuldades e necessidades com terna compaixão: e assim descobrimos que somos, por nossa vez, amados e abraçados por Deus.

Jesus, precisamente para ilustrar isto, depois de ter falado da *primazia do serviço*, faz um gesto. Vimos que os gestos de Jesus são mais fortes do que as palavras que usa. E qual foi o gesto? Ele pega num menino e coloca-a no meio dos discípulos, no centro, no lugar mais importante (cf. v. 36). O menino, no Evangelho, não simboliza a inocência, mas a pequenez. Porque os mais pequeninos, como as crianças, dependem dos outros, dos adultos, precisam de receber. Jesus abraça aquele menino e diz que quem acolhe um pequenino, uma criança, é a Ele que acolhe (cf. v. 37). Eis, antes de mais, quem servir: quantos precisam de receber e não têm como restituir. Servir aqueles que precisam de receber e não têm como restituir. Ao acolher aqueles que estão à margem, negligenciados, acolhemos Jesus, porque *Ele está ali*. E num pequenino, num pobre a quem servimos, também nós recebemos o terno abraço de Deus.

Amados irmãos e irmãs, interpelados pelo Evangelho, perguntemo-nos: será que eu, que sigo Jesus, me interesso por aqueles que são mais negligenciados? Ou, como os discípulos daquele dia, procuro gratificação pessoal? Será que entendo a vida como uma competição para criar espaço para mim mesmo à custa dos outros, ou será que acredito que sobressair é servir? E, concretamente: dedico tempo a algum “pequenino”, a uma pessoa que não tem os meios para restituir? Ocupo-me de alguém que não me pode restituir, ou apenas dos meus parentes e amigos? São perguntas que podemos formular a nós mesmos.

Que a Virgem Maria, humilde serva do Senhor, nos ajude a compreender que servir não nos diminui, mas faz-nos crescer. E que há mais alegria em dar do que em receber (cf. *At 20, 35*).

Depois do Angelus

Estimados irmãos e irmãs!

Estou próximo das vítimas das inundações no Estado de Hidalgo, México, especialmente dos doentes que morreram no hospital de Tula e dos seus familiares.

Desejo assegurar a minha oração pelas pessoas que estão injustamente detidas em países estrangeiros. Infelizmente há vários casos, com causas diferentes e por vezes complexas; espero que, no devido cumprimento da justiça, estas pessoas possam regressar à sua pátria o mais depressa possível.

Saúdo todos vós, romanos e peregrinos de vários países – polacos, eslovacos, das Honduras... Muito bem! – famílias, grupos, associações e fiéis. Em particular, saúdo os crismandos de Scandicci e a Associação de Estudantes do Servo de Deus Padre Gianfranco Maria Chiti, frade capuchinho cujo centenário do nascimento se comemora hoje.

O meu pensamento dirige-se a quantos estão reunidos no Santuário de La Salette, na França, para recordar o 175º aniversário da aparição de Nossa Senhora, que se mostrou em lágrimas a dois jovens. As lágrimas de Maria trazem à mente aquelas de Jesus sobre Jerusalém e a sua angústia no Getsémani. São um reflexo da dor de Cristo pelos nossos pecados e um apelo sempre oportuno à confiança na misericórdia de Deus.

Desejo a todos bom domingo. E por favor não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista! Um aplauso aos jovens da Imaculada!